

## EDUCAÇÃO PARA A CARREIRA | Transição para o ensino secundário

### Plano de trabalho para os alunos do 9.º ano | 2016-2017

É no 9.º ano de escolaridade que os jovens se confrontam, pela primeira vez, com a necessidade de tomar decisões de natureza vocacional, ao delinear, em termos prospetivos, o seu percurso escolar no ensino secundário.

Embora a construção da identidade seja um processo que decorre ao longo da vida, numa permanente relação dinâmica entre o que pensamos sobre nós e o que nos é devolvido pelos outros, é na adolescência que nos começamos a questionar mais profundamente sobre quem somos. À medida que crescemos, e para isso os outros desempenham um papel primordial, vamos respondendo de uma forma mais consciente à pergunta «quem sou eu?».

A identidade engloba o autoconceito, fator fundamental no processo de fazer escolhas e de tomar decisões. O autoconceito é a forma como nos percebemos a nós próprios e abrange a autoimagem e a autoestima. A autoimagem é a forma como nos vemos fisicamente, corresponde à imagem corporal e é a primeira parte do autoconceito que se forma. A autoimagem é mediada por valores culturais que influenciam o grau de satisfação que sentimos com o nosso corpo e aparência. A autoestima é o valor que sentimos ter, o quanto gostamos de ser como somos. Todas estas perceções de nós próprios são construídas e reconstruídas, ao longo do processo de vida, na relação com os outros.

A mais relevante consequência psicossocial da puberdade é a desvinculação e a separação das pessoas mais significativas, dos pais e da família. Mesmo os autores que sublinham o processo de redefinição da relação com os pais, mais do que a separação, acentuam o desenvolvimento da autonomia como tarefa primordial do adolescente. Ao mesmo tempo, ocorrem mudanças no funcionamento cognitivo com a emergência do raciocínio formal, o que implica a capacidade de pensar hipoteticamente, de imaginar uma série de possibilidades em relação a si próprio e ao futuro. Estas mudanças permitem ao adolescente repensar criticamente os seus valores, crenças e imagens do mundo anteriormente marcados pelas pessoas a quem estava afetivamente ligado. Ainda, encorajam a transição da fantasia para o realismo, a vivência de um período de «escolhas-tentativas», a procura uma melhor compreensão de si próprio e dos outros.

Na adolescência, a preocupação central é com a definição de si próprio, o que se quer ser e fazer, qual seu papel e função no mundo, quais os projetos que se pretende realizar. Os jovens tentam dar um significado coerente à sua vida, integrando as experiências passadas e presentes e procurando um sentido para o futuro. A tarefa é complexa uma vez que se encontram num processo de maturação intelectual e socio-afetiva e a construção equilibrada da sua identidade implica ser realista e adaptada à sociedade onde estão inseridos.

Se a escolha vocacional implica o conhecimento de si próprio no que se refere a capacidades, competências, interesses e aspirações, implica também o conhecimento do mundo do trabalho, em particular do conteúdo das ocupações e das profissões, dos fatores de sucesso e dos percursos formativos, sendo a tomada de decisão balizada pela combinação de fatores pessoais e contextuais.

Tradicionalmente, a chamada «orientação profissional» limitava-se a informar e a aconselhar, através de testes psicotécnicos e de entrevistas. O processo era estático e passivo e não tinha em conta aspetos primordiais como, por exemplo, os adolescentes não estarem motivados para analisar a informação, não serem capazes de entendê-la nem tão pouco de a relacionar com as suas necessidades. Os jovens que decidem a partir do conselho de outra pessoa identificam-se menos com essa decisão e não aprendem sobre os aspetos envolvidos no processo de tomada de decisão ou a superar problemas. O procedimento era, fundamentalmente passivo e reativo.

Progressivamente, a orientação escolar e vocacional passou a considerar a capacidade dos jovens para tomar decisões de modo a que as consequências dessas escolhas fossem o menos restritivas possível. Tornou-se então num processo mais evolutivo do que prescritivo, que tem por objetivo promover as atitudes e competências necessárias para a tomada das suas próprias decisões numa perspetiva desenvolvimentista. O foco passa a estar mais perto de uma conceção de natureza educativa, o que levou a integrar a orientação no currículo escolar.

Ajudar uma pessoa a tomar decisões pressupõe que esta conheça bem as suas opções. Neste sentido, precisa de dispor de um vocabulário conceptual, de um conjunto de experiências e de um conjunto de capacidades decisórias. Estes conceitos, competências e experiências podem desenvolver-se até certo ponto no processo de maturação social, mas a educação para a carreira pode facilitar este processo, e até acelerá-lo. A orientação escolar e vocacional torna-se então educativa (educação para a carreira) e deixa de ser uma atividade periférica do sistema escolar, devendo fazer parte dos currículos (desenvolvimento psicossocial, clarificação de valores, formação para a tomada de decisões efetiva, educação vocacional, entre outros).

Assim, a política da Educação para a Carreira no sistema de ensino não designa um programa, mas sim uma perspetiva educativa e, se quisermos, desenvolvimentista da carreira. Recorre a um conjunto de estratégias diversificadas como atividades reflexivas sobre si próprio e o mundo, trabalho de projeto, realização de seminários, contacto com experiências laborais, atividades de informação, entre outras.

Atualmente, a velocidade das mudanças sociais e a crise económica a nível nacional e global implicou a passagem de uma época de estabilidade de crescimento económico, em que se podiam prever carreiras, para uma época de instabilidade a nível do mercado de trabalho. Muitas das profissões e ocupações que no século anterior eram vistas como certas para toda a vida, tornaram-se incertas e a conceção de emprego, que gerava conforto e segurança, está a desaparecer.

Neste contexto, também a noção de carreira assume novos significados, deixando de estar apenas associada ao domínio da profissão e do emprego, para passar a designar um processo pessoal de aprendizagem e de mudanças frequentes, de carácter não-linear,

que envolve todos os domínios da vida dos indivíduos, e que os acompanha ao longo da vida. Em suma, emerge a necessidade de ajudar as pessoas a navegar nos novos contextos, capacitando-as com as competências que lhes permitam lidar com a mudança constante do mercado de trabalho de forma autoconfiante.

Neste novo paradigma, a pessoa é encarada como um sistema aberto, interagindo constantemente com o ambiente e construindo ativamente a sua própria realidade, na procura de estabilidade através da mudança contínua e inesperada. Procura, ainda, compreender-se como é que os indivíduos interpretam e representam as tarefas e os desafios que os contextos lhe colocam e como os integram nas suas histórias de vida e na construção das suas carreiras.

É frequente considerar-se a tomada de decisão para a carreira equivalente a uma escolha profissional. Mas é muito mais do que isso. A palavra «carreira» foi definida como *a totalidade do trabalho que uma pessoa faz durante toda a sua vida* (Hoyt, 1991). Com esta definição, cada pessoa só tem uma carreira. A carreira começa nos primeiros anos e continua até ao fim da vida. Aqui estão incluídas as decisões que se tomam em relação ao seu projeto de vida, ao lugar que se escolhe para viver, aos valores do trabalho que cada um decide escolher, ao tipo e à quantidade de educação que cada um está preparado para realizar, entre outras.

Para a maioria das pessoas, as transições no desenvolvimento da carreira começam na passagem da criança de casa para o jardim-de-infância. Ao longo da vida ocorre uma vasta gama de transições. Em cada caso, implica enfrentar diversos problemas, como aprender a relacionar-se e/ou a ajustar-se a problemas criados por diferentes ambientes, diferentes tarefas de trabalho, diferentes companheiros, diferentes normas e regulamentos ou diferentes horas de trabalho. Uma grande parte da tomada de decisões de carreira relaciona-se com o autoconceito da pessoa que toma essa decisão.

A educação para a carreira assume-se então como um domínio relevante, que tem como principal objetivo facilitar o desenvolvimento da identidade e a construção de percursos de vida que enfatizem a flexibilidade, a adaptabilidade e a aprendizagem ao longo da vida, de modo a preparar os indivíduos para a gestão de percursos profissionais em constante alteração. Este processo, que deve iniciar-se na infância, não deve estar circunscrito a períodos específicos de decisões pontuais.

Para que os jovens construam o seu projeto de vida pessoal e profissional têm que acreditar que são capazes de realizar com sucesso todas as tarefas necessárias para a tomada de decisão de carreira. Na medida em que um grande número de jovens tem uma perceção limitada do futuro e do tempo, as escolhas neste período são sobretudo escolhas de exploração ou de procura, que são muitas vezes revistas, e que só mais tarde conduzem a decisões mais estáveis. Para desenvolver um projeto de vida, os adolescentes devem envolver-se num processo de exploração de si próprios e do mundo que os rodeia num trabalho de elaboração de cenários, de análise de representações projetivas de «eus possíveis» e de decisão, ampliando e transformando a sua consciência e minimizando as fantasias anteriormente criadas.

Na exploração sobre a carreira, é importante que os jovens compreendam que cada um de nós poderá ser igualmente feliz e ter êxito em diversas profissões. A ideia de que poderá existir uma profissão «ideal» para cada indivíduo é um mito que deverá ser desconstruído. Por outro lado, é igualmente importante compreender que, ainda que não haja aquilo que possamos considerar em termos gerais como «a melhor» profissão, certamente que é vantajoso explorar quais se podem considerar as «melhores» opções para cada um. As atividades de exploração da carreira facilitam a tomada de consciência sobre as suas próprias competências, interesses e atitudes em relação ao trabalho.

A tomada de decisão sobre a carreira acontece, com ou sem tomada de consciência, em vários pontos e de diferentes maneiras, ao longo da escolaridade básica. A decisão de um aluno do 9.º ano de se inscrever-se num curso profissional em vez de se inscrever num curso científico-humanístico, é uma decisão de carreira, mesmo que não tenha nenhuma escolha profissional em mente. Neste processo, os desafios não devem passar exclusivamente pelo conteúdo das escolhas mas, fundamentalmente, pela focalização nos processos de desenvolvimento pessoal que permitem o confronto adaptativo dos jovens com as mudanças e transições que vão delineando o seu trajeto de vida. De entre uma série de princípios a ter em conta, pode salientar-se:

**1) a compreensão da importância das tarefas escolares.** Mostrar aos alunos a importância das competências académicas básicas, aumenta progressivamente sua a motivação para aprender. Além disso, a educação para a carreira estimula os professores a procurar as relações entre as disciplinas e as ocupações laborais;

**2) recompensar o trabalho.** Quando um aluno tenta realizar uma tarefa o melhor que pode, é importante reconhecê-lo e recompensá-lo por isso. Quase todos os alunos entram na escola motivados. A meio da escolaridade, muitos já perderam parte do seu interesse e motivação para aprender. Os defensores da educação para a carreira sugerem que os professores poderiam dar feedback aos alunos dos trabalhos realizados assinando as respostas corretas em vez daquelas que foram respondidas incorretamente ou, em vez de enfatizarem o que lhes falta para dominar uma determinada tarefa, podiam enfatizar o que ganharam ao realizá-la;

**3) promover a variedade de tarefas.** Se o professor realiza as suas tarefas da mesma maneira todos os dias, é natural que os alunos percam grande parte da sua motivação para aprender. Por isso, os defensores da educação para a carreira estimulam ativamente os professores a utilizar uma variedade de abordagens para ajudar os seus alunos a aprender;

**4) estimular o trabalho em equipa.** Hoje em dia, parece claro que será necessário o trabalho em equipa para ter êxito na sociedade ocupacional emergente de elevada qualificação e alta tecnologia. Assim, ensinar os alunos a trabalhar colaborativamente deve converter-se numa preocupação prioritária do sistema educativo. Desta forma, assumir diversos tipos de papéis, contribuir para o êxito do projeto e compreender que esse êxito é maior quando as pessoas trabalham juntas são fatores que contribuem para a educação para a carreira.

**5) ativar a iniciativa e a criatividade.** Conceber e levar a cabo uma proposta para tornar mais eficaz determinado esforço ou tarefa resulta numa sensação de «pertença» e contribui para aumentar a sua qualidade. O aluno que simplesmente faz o que lhe mandam, raramente sente que o esforço lhe pertence.

A metodologia utilizada na educação para a carreira deve centrar-se no trabalho de projecto cujos objetivos incluem: a) desenvolver a responsabilidade e o compromisso pessoal; b) melhorar as competências para o trabalho individual e em grupo; c) adquirir conhecimento aprofundado dos temas trabalhados; d) desenvolver competências de comunicação e de promoção do desenvolvimento pessoal. Consideram-se condições importantes, para o desenvolvimento das atividades, a criação de um clima de respeito mútuo, o interesse pelos alunos e a valorização das suas opções, bem como a preocupação com um ambiente de aceitação, valorização e respeito por todas as profissões e a tentativa de combate aos estereótipos profissionais.

A educação para a carreira deve sensibilizar os jovens para a importância do seu envolvimento pessoal nas suas decisões vocacionais e contribuir para que eles se sintam autores no seu próprio processo de tomada de decisão, ganhando a capacidade de se adaptar às circunstâncias do meio em constante mudança e a disponibilidade para aprender a lidar com o imprevisto.

É importante que os jovens sejam capazes de:

- 1) tomar consciência da margem de liberdade na escolha vocacional, alargando os conhecimentos acerca do mundo e de si próprio, avaliando as possibilidades e limitações, pessoais e do meio;
- 2) definir objetivos e de planear os meios para os atingir, desenvolvendo uma perspetiva temporal alargada que permita distinguir os planos do presente, do futuro próximo e do futuro distante;
- 3) adiar a gratificação dos impulsos atuais, para se poder dedicar com o empenho indispensável à realização dos objetivos mais distantes;
- 4) escolher objetivos viáveis, quer do ponto de vista das suas possibilidades pessoais quer do ponto de vista das condições do meio, o que depende de uma capacidade crescente para estabelecer compromissos.

Isto significa que as atividades de educação para a carreira exigem uma série de deveres e de compromissos do conjunto da equipa docente que rompam com o modelo individualista e facilitem as mudanças de discurso de atitudes e de práticas anteriores. Deste modo, devem trabalhar-se as seguintes dimensões:

#### **A. Desenvolvimento do conhecimento de si próprio**

Conhecer-se a si próprio, o seu modo de ser, as suas capacidades, competências e talentos, como um requisito mínimo prévio para se ser mais autónomo; tomar consciência dos seus interesses (profissionais, expectativas, aspirações, entre outros); refletir sobre as próprias necessidades e prioridades; refletir sobre valores (sociais, escolares, familiares, económicos, profissionais, entre outros); saber que as características pessoais se alteram

ao longo do tempo e com o desenvolvimento pessoal, de modo a emergirem novas capacidades, novos interesses, novas necessidades e prioridades.

### **B. Conhecimento das oportunidades educativas e profissionais**

Interrogar-se e discutir sobre: Como é que os adultos satisfazem as suas necessidades pessoais? Que profissões estão ao meu alcance? Que profissões me interessam e convêm? O que é que tenho de fazer para arranjar um trabalho (requisitos académicos, formação profissional, entre outros)? Como posso obter informação (capacidade para me informar e conhecer alternativas)? Até que ponto determinadas profissões satisfazem as minhas necessidades e interesses? Comparar-se a si próprio com as características das diferentes profissões e criar cenários do exercício de uma ocupação.

### **C. Aprendizagem de estratégias para a tomada de decisões**

Trabalhar sobre as questões do tipo: Como decido escolher uma das alternativas? Quais as estratégias de decisão que existem? Como avalio as minhas próprias capacidades, valores e interesses? Como supero as alternativas que se me oferecem (riscos, compromissos, possibilidades, entre outros); Que vantagens e desvantagens têm diferentes alternativas? Como reajo e reformulo os meus objetivos perante uma decisão errada ou insatisfatória?

### **D. Conhecimentos das características da transição para o ensino secundário**

O que implica a mudança para uma outra escola? Que atitudes e expectativas tenho face a um outro nível de ensino: realistas ou utópicas? Como vou encetar novas relações interpessoais, de amizade, por exemplo? Como se vão alterar os meus métodos de trabalho e de estudo? O que vai ser exigido de mim?

## PLANO DE TRABALHO

### Objetivos

- Desenvolver a autonomia, a autorreflexão e o autoconhecimento
- Apoiar na pesquisa e reflexão sobre a informação
- Promover um papel ativo na escolha do percurso
- Estimular a capacidade de tomada de decisão autónoma

### Tarefa

Construção de um portefólio individual que integre o produto das atividades concretizadas individualmente ou em grupo. O desenvolvimento do trabalho integrará o currículo da disciplina *Matemática e depois?*

#### 1.ª FASE

##### Consciencialização de competências e interesses pessoais e escolares

##### Proposta de atividades:

Elaboração de uma história de vida

Consciencialização de expectativas face ao futuro [como serei, onde estarei, o que farei daqui a 5 e 10 anos]

Pesquisa de biografias de heróis ou de pessoas célebres

Análise de livros e de filmes para avaliar temas de vida

Análise de revistas, programas de TV e jogos multimédia para identificar interesses

Reflexão de provérbios ou lemas para a sua vida

Exploração de um leque variado de profissões

#### 2.ª FASE

##### Informação e discussão sobre os percursos escolares disponíveis

##### Proposta de atividades:

Exploração do sistema educativo

Exploração de percursos [regular, profissional e artístico] e de planos de estudo

Reflexão sobre rendimento escolar, preferências curriculares e extracurriculares

Entrevista a familiares sobre o percurso escolar e profissional

#### 3.ª FASE

##### Tomada de decisão

##### Proposta de atividades:

Criação e discussão de cenários reais de futuro

Reconhecimento das suas competências e aspirações

Análise de alternativas viáveis

Balanço individual

Tomada de decisão

As atividades previstas para cada fase poderão ser realizadas individualmente ou em grupo, em sala de aula, em casa ou na biblioteca. O trabalho será desencadeado e apoiado pelo SPO. As famílias têm um papel importante neste processo, pelo que deverão acompanhá-lo. O Futuroscópio, espaço destinado à educação para a carreira na página do AGML, é um recurso fundamental a utilizar.